

COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

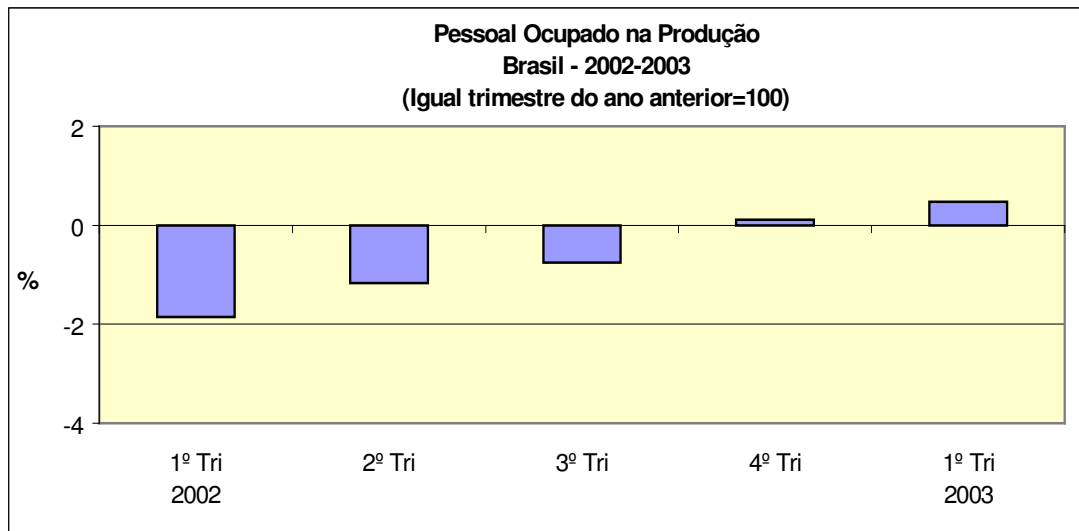
O número de demissões no setor industrial continua superando o de admissões, segundo o indicador mês/mês anterior, na série livre de influências sazonais. Em março há uma redução de 0,5% nos postos de trabalho, após a queda de 0,3% em fevereiro. Já no confronto com março de 2002, o emprego mostra estabilidade (0,0%), no acumulado no ano um aumento de 0,5%, ficando ainda negativo no acumulado dos últimos doze meses (-0,3%).

Em relação a março do ano passado o contingente de trabalhadores se amplia em cinco áreas investigadas. As indústrias da região Sul (2,2%) e do Paraná (4,9%), impulsionadas, principalmente, pelos acréscimos nos setores de madeira (14,7%), na primeira, e de madeira (17,7%), vestuário (16,5%) e alimentos e bebidas (5,8%), na segunda, respondem pelas maiores contribuições positivas no resultado global de 0,0%. Do lado negativo, figuram com as maiores pressões as regiões Nordeste (-3,4%) e Sudeste (-0,7%).

Por setores industriais, ainda no que tange ao confronto março 03/março 02, o número de empregados se expande em dez dos dezoito ramos pesquisados no total do país. Os aumentos de maior impacto no cômputo geral são observados nos setores produtores de alimentos e bebidas (2,3%), máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (6,0%) e produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos (4,5%) e, as quedas, em outros produtos da indústria de transformação (-9,8%) e minerais não metálicos (-3,6%).

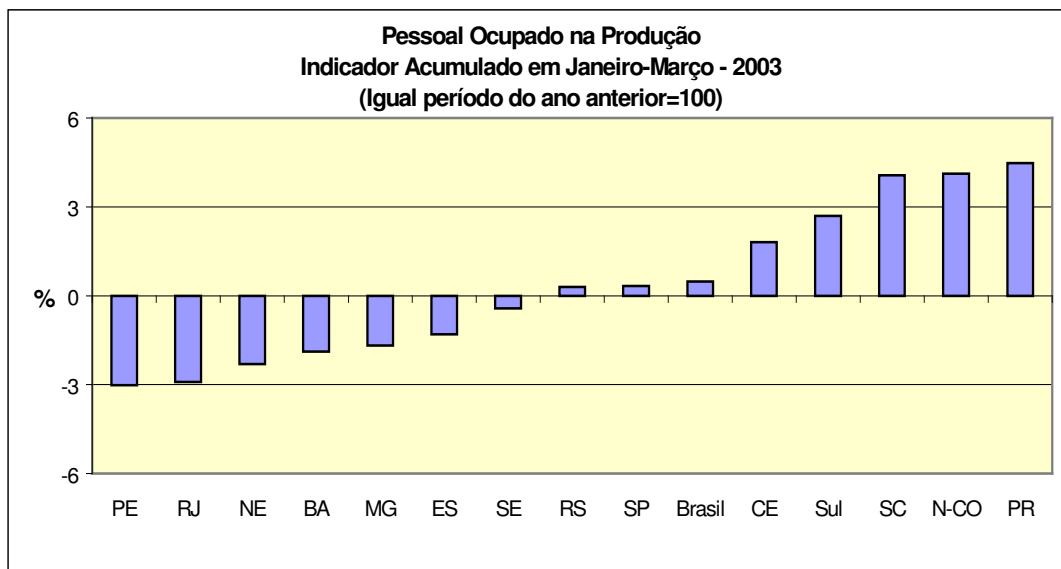
Em bases trimestrais verifica-se uma melhora no ritmo de crescimento do emprego na passagem do último trimestre do ano passado (0,1%) para o primeiro deste ano (0,5%). Este movimento atinge seis dos quatorze locais

pesquisados, sendo mais relevante nas indústrias de São Paulo, que passa de -1,6% para 0,3%, e do Paraná (de 2,5% para 4,5%).



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria

Especificamente no que se refere ao primeiro trimestre deste ano, as indústrias que reduzem mais intensamente a mão-de-obra são as de Pernambuco (-3,0%), Rio de Janeiro (-2,9%) e da região Nordeste (-2,3%). Já os aumentos mais expressivos no emprego ocorrem no Paraná (4,5%), regiões Norte e Centro-Oeste (4,1%) e Santa Catarina (4,1%).



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria

No total do país, o número de admissões, neste primeiro trimestre, foi maior que o de dispensas em dez segmentos pesquisados. As contratações efetuadas pelos setores de alimentos e bebidas (3,3%) e de máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônico e de comunicações (6,8%), são as

que mais influenciam o resultado global. Em sentido contrário, as reduções no contingente de trabalhadores que mais pressionam são assinaladas pelos setores produtores de outros produtos da indústria de transformação (-8,3%) e de minerais não metálicos (-3,5%).

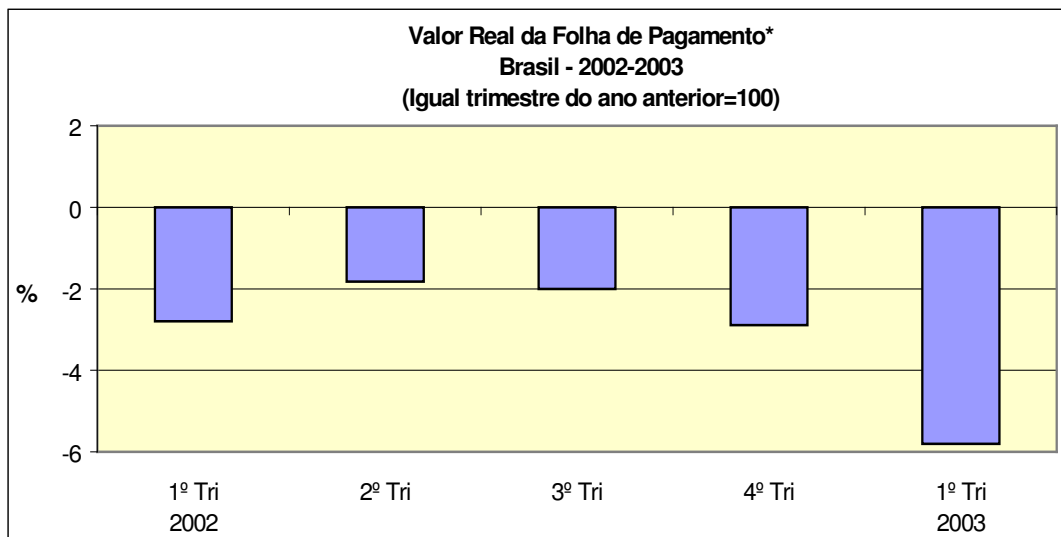
Por fim, segundo o indicador acumulado nos últimos doze meses, verifica-se uma suave desaceleração no ritmo de queda do emprego, em nível nacional, entre fevereiro (-0,5%) e março (-0,3%).

FOLHA DE PAGAMENTO

O valor da folha de pagamento do setor industrial volta a se reduzir, após dois meses consecutivos em expansão: entre fevereiro e março há uma queda real de 1,7%, já descontadas as influências sazonais. Nos demais indicadores o quadro também é de perda: -6,3% em relação a março de 2002, -5,8% no acumulado do ano e -3,1% nos últimos doze meses. O valor médio da folha de pagamento também apresenta resultados negativos segundo os principais confrontos: -6,3% frente a março/02, -6,3% no acumulado do ano e -2,8% nos últimos doze meses.

No comparativo março 03/março 02, todos os locais e dezesseis dos dezoito setores pesquisados reduzem a folha de pagamento de seus trabalhadores. Regionalmente, as quedas de maior impacto na formação da taxa global de -6,3% ocorrem nas indústrias da região Sudeste (-6,5%) e de São Paulo (-6,0%). Em nível setorial, figuram com as maiores influências negativas papel e gráfica (-15,2%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-13,3%) e minerais não metálicos (-16,5%). Apenas as indústrias produtoras de alimentos e bebidas (0,8%) e de borracha e plástico (4,1%) exibem ganhos reais na folha de pagamento neste confronto.

No corte trimestral, observa-se um aprofundamento no ritmo de queda do valor da folha de pagamento da indústria brasileira na passagem do último trimestre do ano passado (-2,9%) para o primeiro deste ano (-5,8%). Este movimento de perda está presente na maior parte (treze) dos quatorze locais pesquisados. Apenas a folha de pagamento da indústria de São Paulo apresenta uma melhora relativa de um trimestre para o outro (de -6,3% para -5,7%).

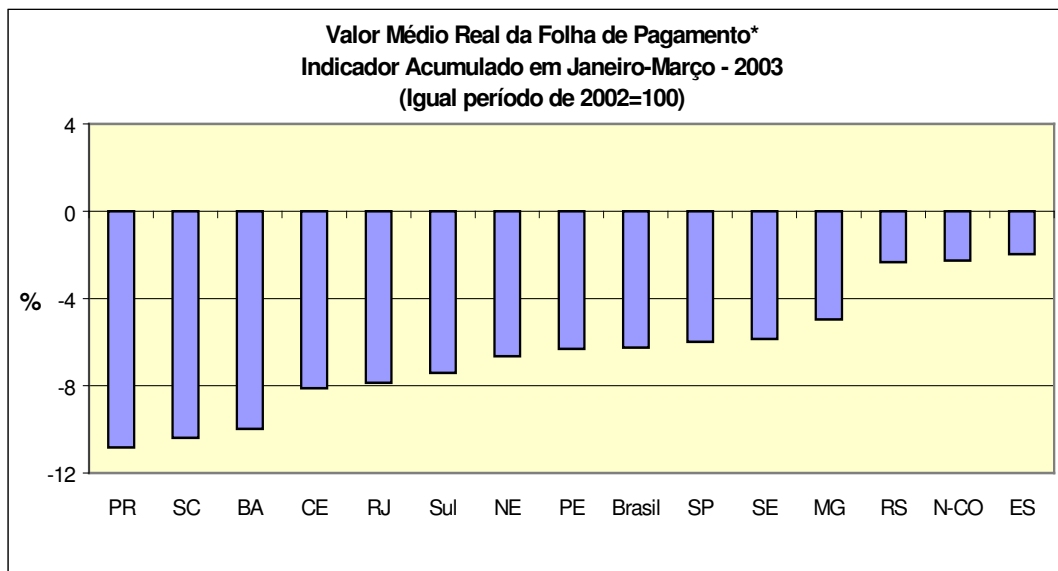


Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria
* deflacionado pelo IPCA-IBGE

No caso específico do fechamento do primeiro trimestre deste ano, os resultados da folha de pagamento são negativos em treze locais pesquisados, com as taxas oscilando entre os -11,7% registrados pela Bahia e os -2,0% do Rio Grande do Sul. Com expansão no valor da folha de pagamento encontra-se apenas a indústria das regiões Norte e Centro-Oeste (1,8%).

Ainda no que tange ao indicador acumulado no primeiro trimestre, em nível setorial o quadro também é de queda no valor da folha de pagamento da maioria (quatorze) dos dezoito setores pesquisados. As reduções que mais pressionam a taxa global estão presentes nos setores de papel e gráfica (-13,7%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-12,5%) e de minerais não metálicos (-14,7%). Com ganhos reais, figuram apenas borracha e plástico (2,9%), alimentos e bebidas (2,0%), coque, refino de petróleo e álcool (1,1%) e calçados e couros (0,6%).

Os números do indicador acumulado no primeiro trimestre, referentes à folha média de pagamento da indústria, são negativos em todos os locais pesquisados, sendo as maiores reduções registradas no Paraná (-10,8%) e em Santa Catarina (-10,4%).



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria
* deflacionado pelo IPCA-IBGE

Em nível setorial, ainda no indicador acumulado no ano, o quadro também é de perda generalizada na folha média de pagamento, que atinge dezessete setores dos dezoito investigados. Em termos de magnitude de queda destacam-se os ramos de fumo (-16,5%), madeira (-13,2%) e papel e gráfica (-12,5%). Apenas a indústria de borracha e plástico mostra ganho real na folha média de pagamento (5,9%).

NUMERO DE HORAS PAGAS

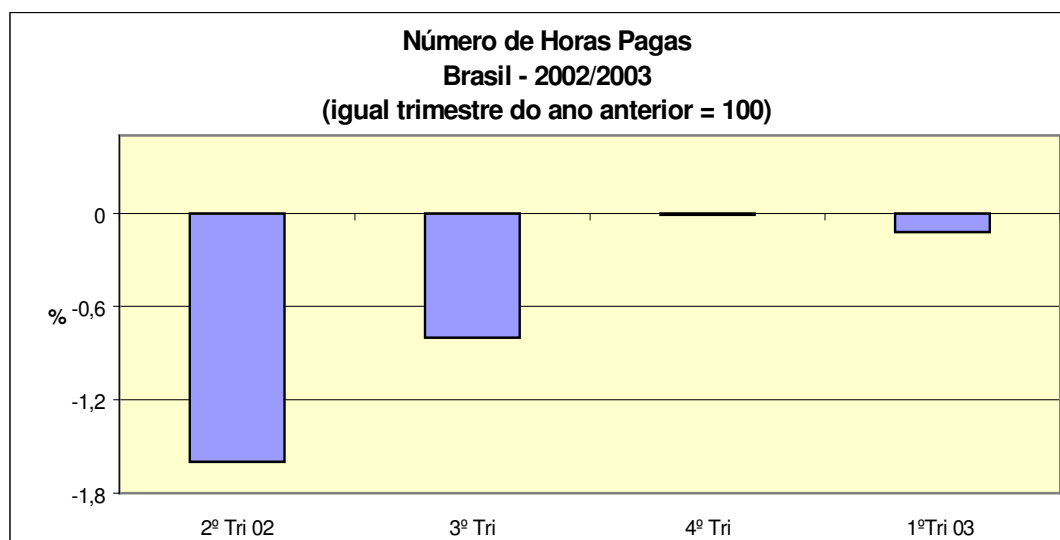
Em março, o indicador de horas pagas volta a ser negativo comparado ao mês de fevereiro, já descontados os componentes sazonais (-1,6%). Em relação a igual mês do ano anterior observa-se recuo de -1,1%, o que faz com que o indicador acumulado no primeiro trimestre também se mostre negativo, com ligeira queda de 0,1%. O indicador dos últimos doze meses, apesar de negativo aponta uma tendência de recuperação (-0,6%).

Após dois meses, registrando ampliação da jornada de trabalho, o indicador mensal aponta uma queda de 1,1%, sendo esse resultado, parcialmente influenciado pelo menor número de dias trabalhados em março de 2003 em relação a março de 2002, em função do deslocamento do feriado de Carnaval. Nove dos quatorze locais pesquisados exibem redução nas horas pagas. São Paulo (-1,7%), Nordeste (-4,1%) e Minas Gerais (-2,6%), por ordem de influência, respondem pelos principais impactos negativos, principalmente, pela queda da jornada registrada nos setores de máquina e

aparelhos elétricos e eletrônicos e de comunicações (-11,9%), alimentos e bebidas (-6,4%) e vestuário (-17,0%), respectivamente. Paraná, com expansão de 5,6% impulsionada, principalmente, pelo aumento verificado no número total das horas trabalhadas nas indústrias de alimentos e bebidas (12,3%), madeira (15,4%) e vestuário (17,9%), sendo essa a maior contribuição positiva na formação da taxa global.

Setorialmente, ainda no indicador mensal, as principais pressões negativas foram exercidas pelos setores de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-11,1%), têxtil (-4,6%) e vestuário (-3,8%). Por outro lado, alimentos e bebidas (1,9%) e máquinas e equipamentos exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (4,3%), respondem pelas principais contribuições positivas.

A evolução trimestral mostra que indicador o número de horas pagas, sensível ao ritmo de produção, assinala uma suave redução entre o último trimestre do ano passado (0,0%) e o primeiro trimestre deste ano (-0,1%). No encerramento do primeiro trimestre do ano, dez setores apresentam queda na jornada de trabalho, sendo a principal pressão negativa exercida por máquinas e aparelhos elétricos e eletrônicos e de comunicações, com queda de 4,8%.



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria

O indicador acumulado nos últimos doze meses ainda é negativo para o total das horas pagas (-0,6%), porém confirma uma relativa reação no ritmo da jornada de trabalho, quando se observa os resultados registrados até

janeiro (-1,1%) e até fevereiro (-0,8%). A maior influência negativa é determinada pelos recuos observados em São Paulo (-2,7%) e, como consequência, na região Sudeste (-2,6%). Com quedas figuram, ainda, Rio de Janeiro (-4,4%), Minas Gerais (-1,6%) e Bahia (-0,6%). Os locais com desempenhos positivos, por ordem de participação no resultado global, são: região Norte e Centro-Oeste (3,5%), Santa Catarina (3,0%), Paraná (2,4%), região Nordeste (1,2%), Ceará (3,1%), Pernambuco (4,1%), Espírito Santo (1,0%) e Rio Grande do Sul (0,1%). No total do país, treze setores assinalam recuo nas horas pagas pela indústria. Neste confronto, o maior impacto negativo vem do ramo de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-10,5%) e, o positivo, do de alimentos e bebidas (5,6%).